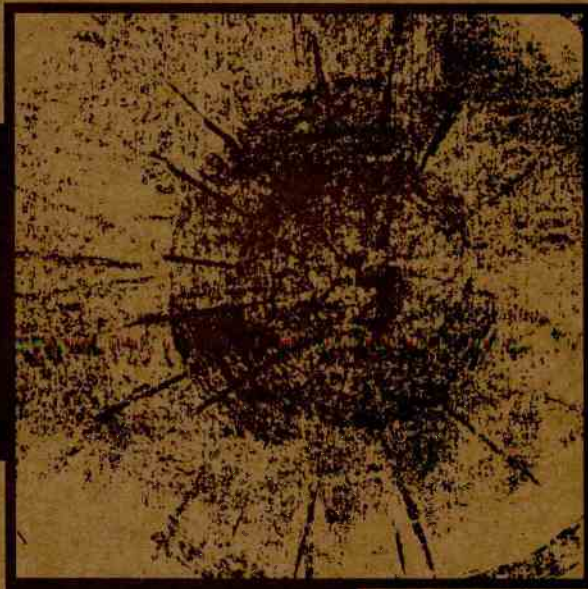


# Rodrigo Petronio

poesia

## História Natural



GARGANTVA

*O rei está morto. Longa vida ao rei.*

Isso era dito por dois motivos, eu creio.

Um deles, para demonstrar que algo havia acabado, o outro, para deixar claro uma continuidade entre o fim

e o começo. A Série Badaró **acabou**.

O Selo Gargântua assume agora suas publicações diante daquele ciclo inicial – agora fechado –, estabelecido entre alguns autores que se organizaram em 1997 em torno de uma série de apresentações públicas.

Delas resultaram os livros, ao todo seis, que provaram o vigor de uma literatura ainda por ser descoberta, mas então registrada em acontecimentos que vieram dos sebos do centro da cidade de São Paulo para o museu Casa das Rosas, onde inauguramos, pela invenção e a condução do *madhacker* R. H. Jackson, o primeiro programa pela internet, no Brasil, sobre Literatura.

Gargântua publica a revista homônima,

para o poeta Soares Feitosa

É uma coleção de poemas

de vários, esperando que

seja do seu interesse

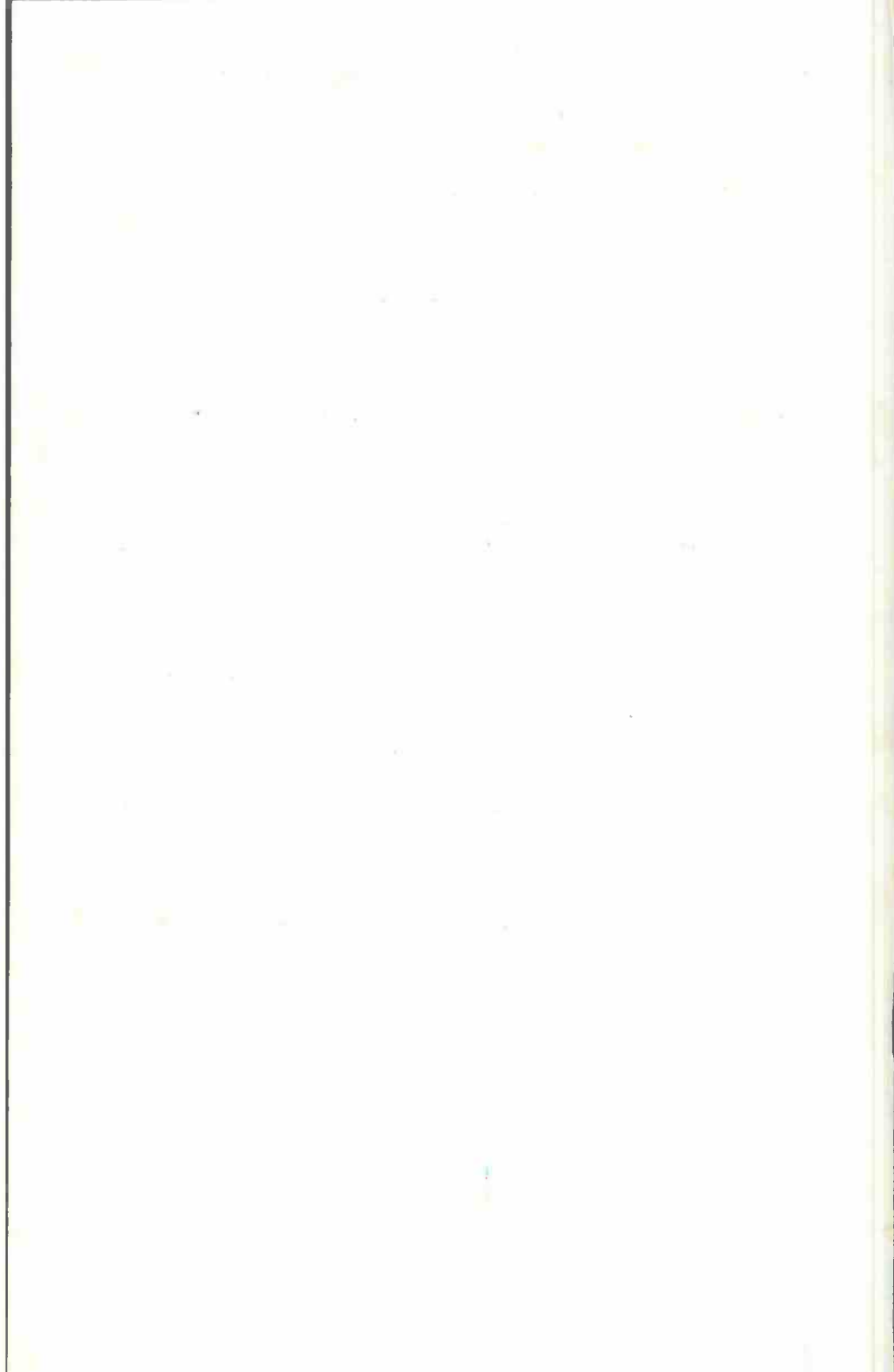
e indulgência

Com o abraço amigo

Do amigo Antônio

30 março 2003

Este livro pertence a Soares Feitosa - Jornal de Poesia. Emprestado à Biblioteca Cururu, para sua leitura e divulgação. Escreva para o autor e o bibliotecário da Cururu: <soaresfeitosa@uol.com.br>. Cuidado com a maldição das estantes! Não venda, nem "guarde" este livro. Circule-o! Mais uma promoção do seu Jornal de Poesia. Veja como funciona: [www.jornaldepoesia.jor.br](http://www.jornaldepoesia.jor.br)



**HISTÓRIA NATURAL**

© by Rodrigo Petronio

Conselho Editorial: Cídio Martins  
Dirceu Villa  
Rogério de Almeida

Editor: Dirceu Villa

Projeto Gráfico e Diagramação: Cídio Martins

Capa: Douglas Braga

Digitalização das Ilustrações: Bruno Gambarotto

Ilustração da Capa: Rodrigo Petronio

Ilustrações Internas: Rodrigo Petronio

Ilustração da 4ª capa: Emblema 132. Andrea Alciati. *Emblematum Liber*, 1531. Tritão, trombeteiro de Netuno, com o corpo cercado por Uroboros, símbolo da imortalidade. *Ex litterarum studiis immortalitatem acquiri*. "Através dos estudos das letras adquire-se a imortalidade".

Revisão: Valéria Aranha

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

---

Petronio, Rodrigo

História natural / Rodrigo Petronio. - São Paulo : R. Petronio, 1999.

1. Poesia brasileira I. Título.

99-4661

CDD-869.915

---

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Poesia : Século 20 : Literatura brasileira  
869.915
2. Século 20 : Poesia : Literatura brasileira  
869.915

São Paulo

2000

RODRIGO PETRONIO

HISTÓRIA NATURAL



GARGANTVA

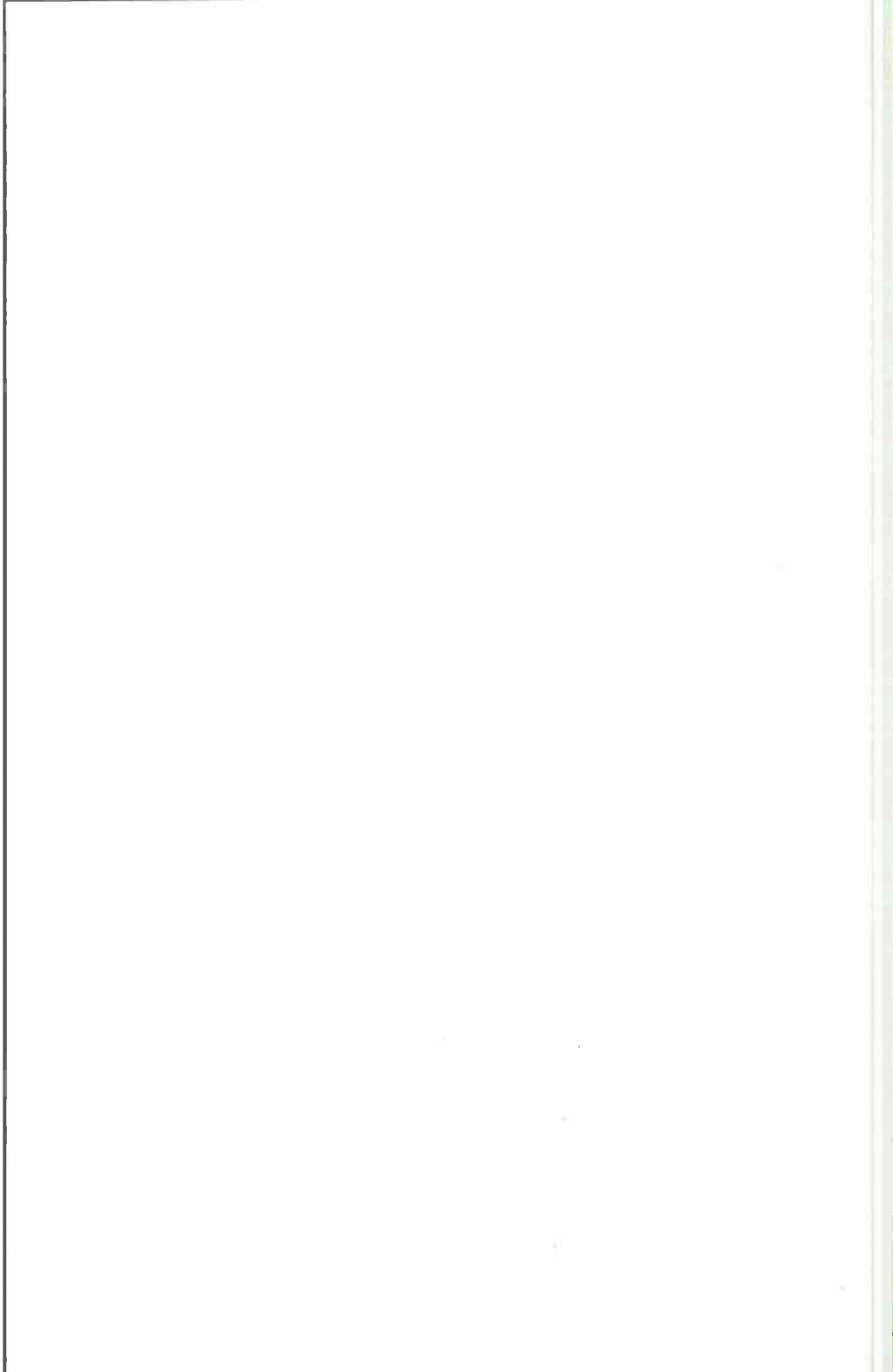




Pertencente à Biblioteca Cururu  
Não Venda, Nem Guarde! Circule-o!  
[www.jornaldepoesia.jor.br](http://www.jornaldepoesia.jor.br)

## ÍNDICE

<i>Prefácio</i>	<b>9</b>
Criação	<b>15</b>
Esboços Para Uma Tela	<b>17</b>
Quadros Para Dois Corpos	<b>19</b>
Esfinge	<b>23</b>
Palimpsestos	<b>25</b>
Negativo	<b>29</b>
História do Mundo	<b>31</b>
Elegias	<b>35</b>
História Natural	<b>41</b>
Prima Donna	<b>43</b>
Post Scriptum	<b>47</b>
Flor	<b>49</b>
Homenagem a Kalidasa	<b>51</b>
Cantiga de Amor	<b>57</b>
Pássaros	<b>61</b>
Solar	<b>63</b>
Petit Mort	<b>65</b>
Aporia	<b>67</b>
Vermeer	<b>69</b>
Oração	<b>73</b>
Dedalus	<b>81</b>
Corpo	<b>83</b>
Círculo de Giz	<b>85</b>
Vôo	<b>91</b>
Cesta	<b>93</b>
Quasimodo	<b>95</b>
Alba	<b>97</b>



## BREVE INTRODUÇÃO À POESIA DE RODRIGO PETRONIO

Este é um ótimo primeiro livro. É uma estréia. E eu poderia insistir neste ponto até esgotar uma página e a sua paciência. O caso é que eu prefiro comentar algumas virtudes, e deixar inscrito um aviso já de início: não é um livro *fácil*. Não é um livro como aqueles que se podem ler sem maior compromisso, apenas para se dar uma cadeira de balanço ao pensamento. Por quê?

Porque é evidente o aproveitamento de pesados livros barrocos, arranjos sintáticos curiosos, jogos de palavras, alguns de espaço de página, com o resultado da diferença em relação àquilo que se escreve sob o nome de verso já há algum tempo. Cobrindo temas satíricos e metafísicos, entre outros, o que o leitor vai perceber é que existe uma linguagem intrincada, que por vezes envolve e por vezes desnorteia, um verdadeiro novelo de concepções. *História Natural* é um livro que pede para ser relido e redescoberto.

Há poemas breves e pontuais, como *Esfinge* e *Alba*, e outros de uma elaboração longa e sólida, *Oração* e *Círculo de Giz*. No primeiro caso, o leitor é levado a apreciar o pensamento veloz e certo de poemas que ultrapassam a mera observação corriqueira, e que só podem se igualar à poesia clássica ou ao melhor imagismo. *Alba* é uma tela em quatro versos mínimos e diretos, mas com a capacidade de sugerir uma atmosfera levemente erótica.

ca e evocar uma cultura (as albas provençais em queos amantes se despedem ao amanhecer). *Círculo de Gizabre* com uma apresentação clássica, o “Como se...”, levada adiante por meio de várias subordinações, em que se pode encontrar a vocação narrativa de Petronio em um de seus melhores momentos. A *Oração* recebe enxertos de poesia bíblica — no caso, a *Vulgata* — em trechos como o que se inicia “*Quid hic agis/Elia?*”, entusiasmando pela capacidade evocatória que não se torna apenas uma enorme boca aberta, mas vai a referências de grande beleza quando postas juntas. Faltaria ainda dizer de outros poemas que se destacam na coleção, como o belíssimo *Homenagem a Kalidasa*, mas seria menosprezar o talento do leitor para distinguir preciosidades.

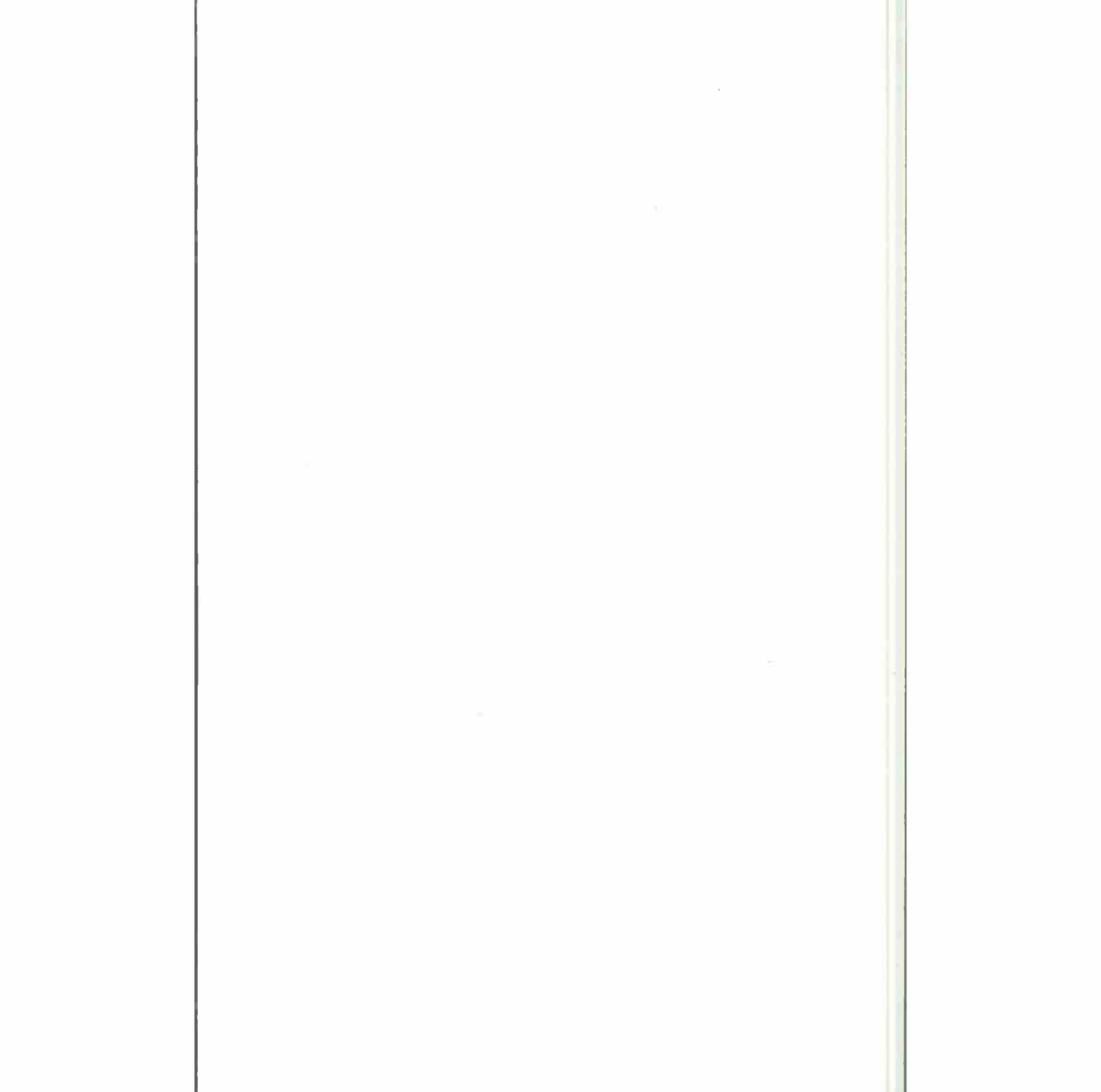
Certo prosaísmo que encontramos nos poemas de Petronio se deve mais ao peso das suas palavras do que ao destempero da linguagem poética. Nesses casos ele terá ao menos o mérito de significar profundamente o que diz para todos que o lerem; nem seria possível esperar menos da capacidade de quem incorporou com dignidade até mesmo as complexas estruturas de João Cabral. Dito dessa forma, o leitor pensa: “Bom, dizer isso de J.C. é repisar o óbvio”. Mas o leitor deve considerar que hoje em dia é um privilégio poder ouvir o óbvio de vez em quando, em vez de firulas e bizarras apenas pelo desespero da originalidade *ex nihilo*.

Quando encontrarmos o que desejaríamos portanto chamar apenas “influência” na poesia de Rodrigo Petronio, teremos que recuar diante dessa facilidade inútil, e buscar dizer melhor a idéia num sentido de *congenialidade*. No caso de João Cabral é exatamente isso,

por uma série de motivos que não cabem aqui e o autor já deixou claros numa entrevista. E é assim também que se apropria de Corbière, de líricos clássicos, incorporando-os à sua maneira, bastante evidente para quem ler *História Natural*, esse livro verdadeiro. Dele se pode dizer que podem mais suas palavras que as maldições deste mundo. Petronio no nome e na poesia.

P.S.: O livro vem iluminado por ilustrações do próprio autor. Que o leitor perceba que título, poemas e arte encontram, nesse caso, um propósito. Que se possa entender *História Natural* como o que se fez de resquícios, e o que se faz de construção.

Dirceu Villa 2000

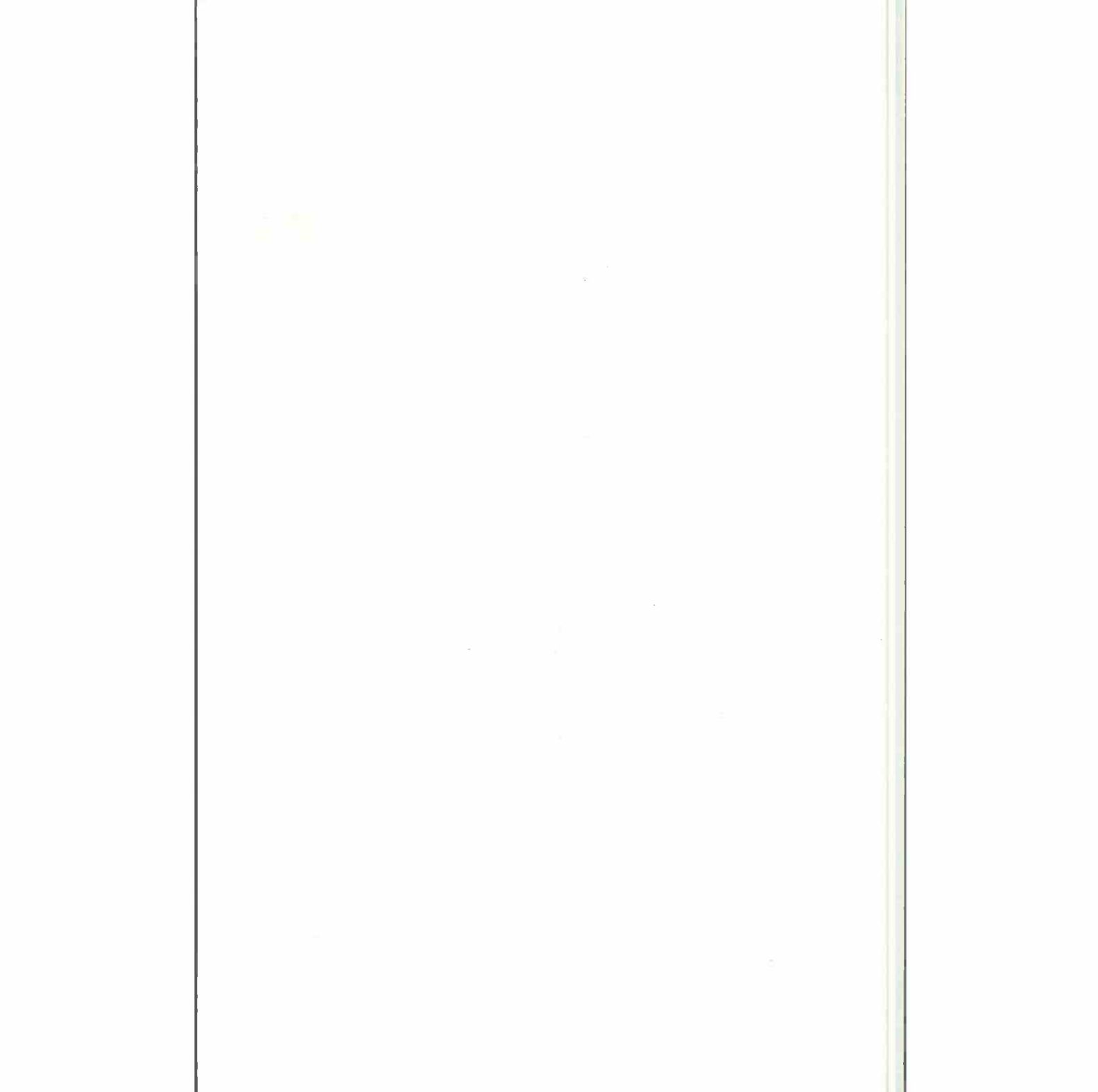


Farai un vers de dreyt nien:  
Non er de mi ni d'otra gen,  
Non er d'amor ni de joven,  
Ni de ren au,  
Qu'enans fo trobatz en durmen  
Sobre cheveu.

Guilhem de Peitieu, *Canzo*

Who can distinguish darkness from the soul?

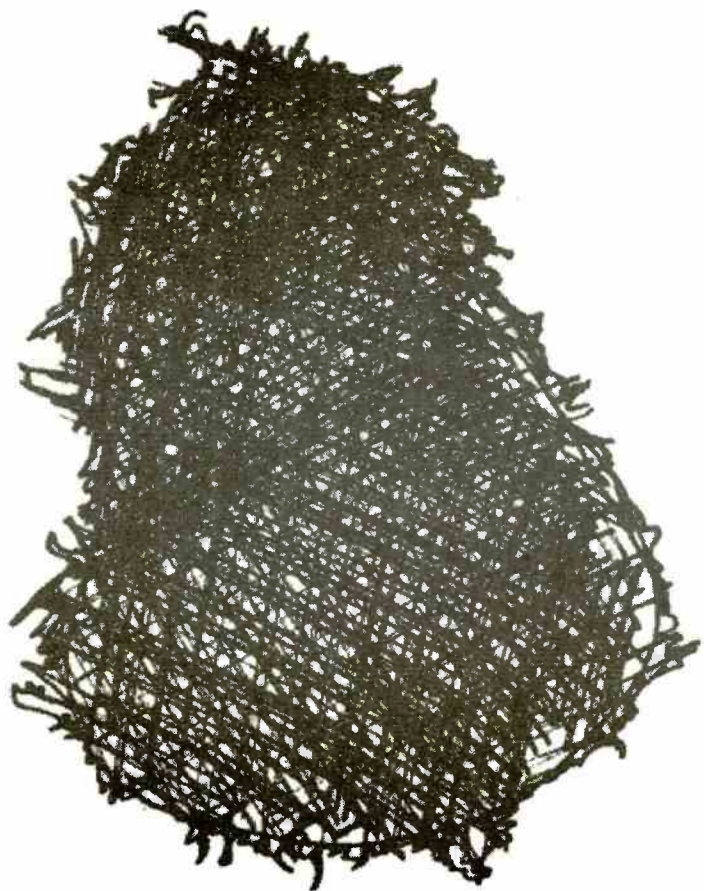
W. B. Yeats, *A Dialogue of Self and Soul*





## CRIAÇÃO

Vaga entre esses objetos  
resolutos em sua insignificância;  
deixa-te perder neles.  
Fotografias, óculos, talheres,  
porcelanas com idade ainda  
a ser calculada: sente a química  
benigna que cada um deles  
expele e guarda, pousa as mãos inermes  
sobre esses fósseis animados,  
munidos, cada qual, contra  
os sóis e pernas diárias,  
de sua esperança abjeta de tão evidente.  
Contempla as peças soltas  
da máquina parada,  
a fina ironia da correia desdentada.  
Vê cada engrenagem dilapidada  
pelo mesmo giro centrípeto  
que move o globo.  
Repousa tua consciência nessa fauna  
nascitura, amigo, aprende  
a amar esses pequenos deuses  
noturnos. Um dia hás  
de freqüentar esse reino de rancor,  
ausente de mistério.  
Onde crianças repousam  
em forma de projeto, e a bailarina  
espera o toque de dedos humanos  
para despertar do sono eterno  
da vida não revelada.



## ESBOÇOS PARA UMA TELA

A matéria  
não tendo corpo em que caiba  
a tela é mero acidente  
no percurso entre a tinta  
e o vento.

Branca  
branca é a cor  
branca é a cor violenta  
branco sobre branco desse farol  
branco sobre branco por dentro e por fora  
branca a flora e os minerais  
branco do pensamento  
que a noite revigora a querosene  
ou luz elétrica.

Não escolher um só tema,  
não servir a um só assunto.

Linhas se compoem no caminho  
interior o pássaro de nuvem  
a clepsidra o marulho da água  
em movimento  
o gemido quase humano  
do moinho Hydra mordendo  
o próprio rabo:

apreender o vai-e-vem  
da Idéia

**sub-repticiamente  
não pintar a paisagem  
mas dar vida às coisas  
como se elas não fossem  
gente.**

## QUADROS PARA DOIS CORPOS

### I

Possuir essa lucidez estranha  
que ao teu redor gravita, tecer-te de dentro  
pra fora, tentando assim me enovelar  
em ti e em tua seleta geografia.  
Nos escombros dessa Idéia  
quase carne que te habita,  
pérola-pus do meu nojo revivido,  
dormir o sono sem sonhos  
do teu ser onde o coração  
não palpita.

### II

Sujo,  
sujo de mim estou e nem em mim  
nem em qualquer outro espaço  
encontro asilo, flor-caramujo.  
Sombra rasa, crista  
da onda contra a alfombra,  
e seus pés descalços descansando os últimos  
espinhos. Não és nada.  
Vens do nada e a nada  
te conduz a cercania de ventos,  
e o dia maduro que, sem se explicar,  
explode em luz.

Estou sujo,

irremediavelmente sujo,  
maculado pela Idéia  
que me quer mais puro.

### III

Como se te apreendesse  
entre cinzas galvânicas  
ou alquimia improvisada,  
entre o toque dos dedos  
e o riso inevitável de Deus.  
Como se a ti te tivessem  
cercado de fogos e artificios,  
entre suas pegadas deduzisse  
o olvido irreversível do ser  
num passado sem vestígio.

Assim me guio por ti.  
Como um clarim, um farol  
apontando o corpo do naufrágio  
redivivo.

### IV

Nada é divino, Ana.  
Nem essa frágil compleição  
de membros a se desatar  
qual pétalas no escuro do pensamento.  
Nem essa espera sem trégua  
pela composição da Idéia  
onde somos mais perfeitos  
porque mais etéreos.

Perfeição é morte, Ana.  
E não estamos prontos para o mistério.

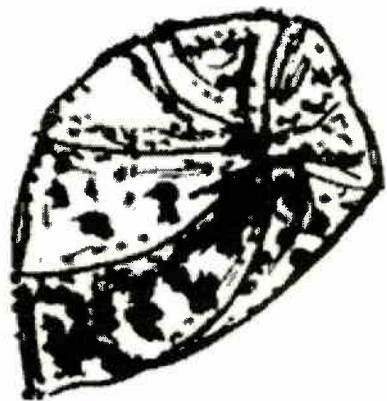
V

Estas palavras que emparelho,  
som a som, sílaba a sílaba,  
não trazem em si nenhum dom  
dos deuses ou eco da Coisa  
indecifrável.

São somente velas que acendo  
e apago para povoar a noite de gás  
e seus quadrantes.

São um simples porto seguro  
onde encontro teu corpo no meu  
mais puro, sem os sinais  
do tempo e suas cicatrizes.

Onde encontro outro tempo  
que flutua sem criar raízes.

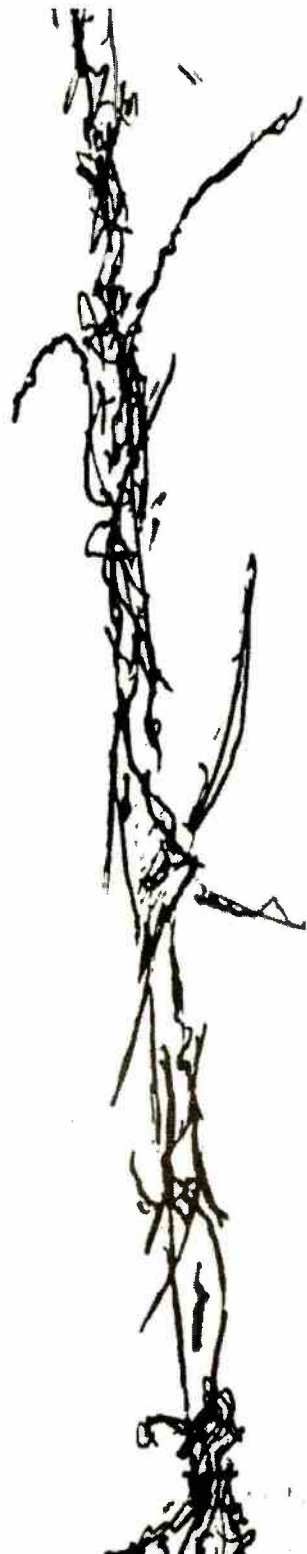




**ESFINGE**

**A dor  
que dói aqui  
bem no meu peito  
não é matéria,  
nem assunto,  
nem conceito.**

**Não fala  
a minha língua,  
e existe desde que  
o mundo é mundo.  
Pra que gravá-la  
em tortuosas  
linhas?  
Melhor ser  
mudo.**



## PALIMPSESTOS

### I

Se o tempo figura  
a eternidade em cada  
um dos seus momentos,  
revela-a por inteiro  
em cada uma das idades,  
só me resta ser a folha passageira  
que vai ao vento breve  
e se inscreve já sem vida na paisagem.  
Resta-me ser a tela trêmula  
que esculpe meu semblante,  
não a perfeição desumana  
do diamante e suas espadas.  
Assim, cantarei o esplendor  
do efêmero como quem se gaba  
de sabê-lo igual em cada evento,  
mas único em cada passagem.  
Que tudo é pó antes de o pó  
rondar a vista,  
e entre o leque furta-cor  
da vida extática, e a completa  
desaparição do ser em greve,  
a alma intacta em sua fuga do real,  
somos a mão com que o eterno escreve  
em areia leve o seu epitáfio.

## II

Some agora esse rosto  
 imprudente, espelho minguante  
 onde nada tem se edificado,  
 polpa sem gosto, paredes de um palácio  
 de ouro marchetado sem suor humano.  
 Somem as linhas dessa mão,  
 some essa composição de traços  
 singulares.

Somem com eles a musa  
 desconexa e seu denodo.  
 Somem o rouxinol de Keats,  
 o bosque e sua aléia só em mente  
 conformados.

Somem o cheiro do quarto  
 antigo, algumas melodias, roupas que não se usam  
 mais, o teu rosto, os girassóis.

Montaigne, Borges, Vico  
 e Lucrécio submersos na opacidade mítica das coisas.  
 Toda a História pretérita ou vindoura  
 se apaga com a supressão em risco dessa face,  
 e seu tácito acordo de nervos e acasos.  
 Some o próprio futuro nessa dispersão  
 propecta onde o ser se evolva.  
 Some comigo esse outro  
 que em mim se cola sem dar azo  
 ao destino e sua pletora de línguas  
 e tentáculos.  
 Some a soma pálida de tudo

o que Deus havia arquitetado até agora,  
a flauta de barro, alguns rabiscos,  
restos de um baile à mingua somem.

O que sobrar desse dilúvio é o homem.

### III

O que é dessa estátua  
se ninguém der por ela?

Expira

em sua própria chama elástica?

Ou se congela?

Passeando

entre a arte, sua consorte,  
e a trama caótica dos momentos,  
a vida quer ser maior que a morte,  
e menor que os monumentos.

### IV

Mas – penso – se o tempo  
é uma figuração da eternidade,  
o que faz esse pobre gado  
a tomar as circunstâncias por eventos,  
e a se fixar na História  
como quem nela se acha ilhado?

A eternidade é o tempo transfigurado.  
Captura o instante extinto que foge  
pela moldura da manhã e o sol cadente.

É do efêmero que Deus tem se enamorado  
eternidade afora,  
e é com a morte da semente  
que a vida dele se assenhora.

Transmuta tua face  
no espelho desse céu calado.  
Depõe as heras do cajado.  
Devolve à História o seu sentido  
para que o homem não se enoje  
do que tenha sido.

## NEGATIVO

Esse que por trás  
dos meus olhos  
olha as palavras se movendo,  
que me pensa por trás  
do meu pensamento  
e pelos meus gestos  
age sem o meu consentimento.

Esse que está por fora  
de mim quando estou por dentro  
de mim, em silêncio,  
vendo soprar o vento  
que vem do sul.

Esse que sou eu refletido  
no espelho do tempo.  
Esse que me escreve enquanto  
vou escrevendo.  
Esse que lentamente se move  
e se precipita nas águas brancas  
da folha que ao relento pinto.

Esse que me imita quando  
tento inutilmente ser eu mesmo.  
Esse que fala pela minha boca,  
anterior a mim,  
ser que se intercala ao meu  
simultaneamente.  
Esse para quem sou templo,

instrumento e artífice.  
Esse que me disse,  
do lago turvo onde me  
prostrei calado,  
*és o eco de Outro que te tem  
sonhado,  
sombra reticente.*

Esse que muda a cada  
momento,  
e no entanto é sempre presente.  
Esse que me sendo  
quer que eu seja  
areia, pó, fuligem.  
Esse que me sendo  
quer que eu seja  
nada.



## HISTÓRIA DO MUNDO

*para Ana Paula Leibruder*

### *O Silêncio*

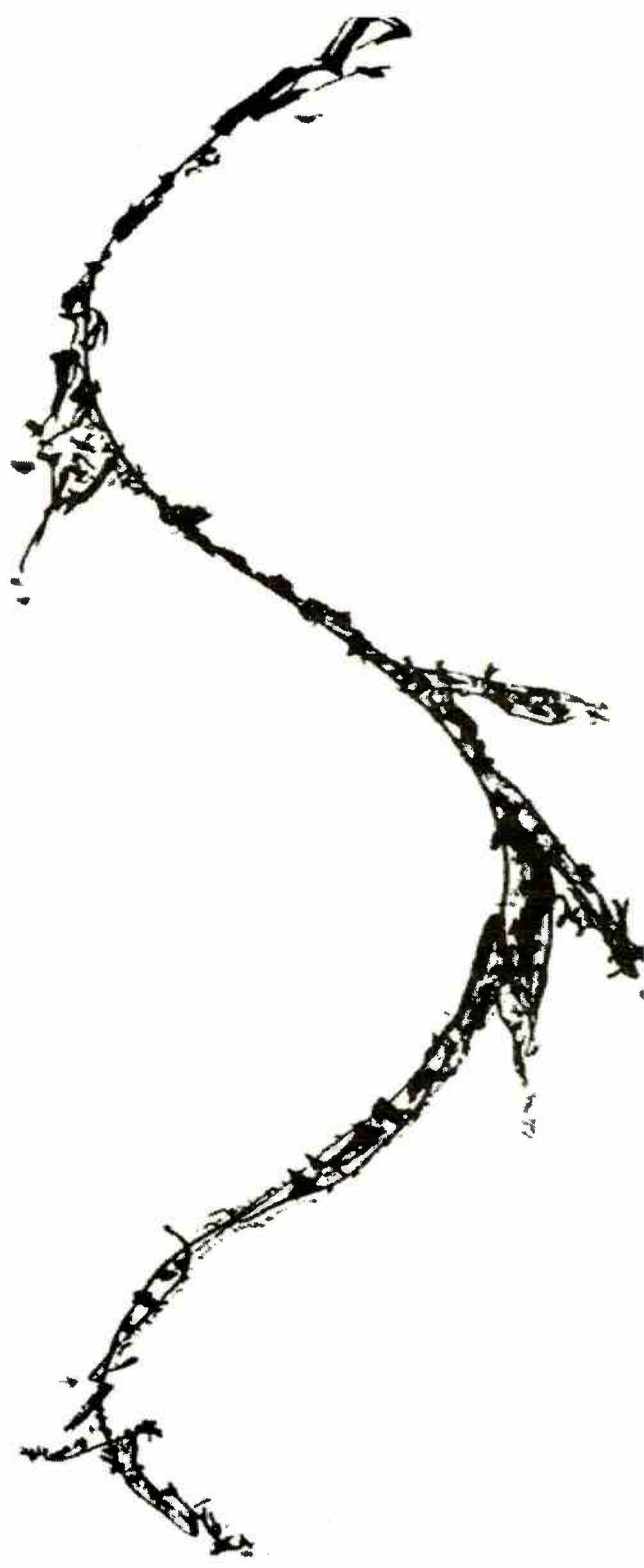
O azul  
pálido  
ao sul  
da tua coxa  
(enguia)  
se afrouxa,  
e a boca  
cai:  
em vão  
prometes não  
dizer: ai.  
Em vão...  
Com a mão  
em concha,  
à guisa de conclusão,  
a guia  
à clara  
entranha  
acesa  
da razão.

### *O Verbo*

Estranha presa,  
dádiva funesta.  
A língua  
fia  
e desafia

o verbo:  
caixa aberta,  
colcha,  
êmulo.  
A língua hesita  
em ultrapassar  
o limite  
de seu  
imo.  
Ele  
volta,  
se revolta,  
gira:  
desiste.  
Pega da caneta  
com que adão  
escreveu  
eva  
e iniciou vida  
primeva:  
se projeta:  
corpo em outro corpo  
compreendido.  
A obra feita,  
deita-se  
(eis o poema):  
o membro  
murcho

**no oco  
de entre  
as pernas.**



## ELEGIAS

## I

Não tocarei mais som  
consonante. Já basta. Não quero  
mais essa ilusão  
que impregna cada gesto, cada ato  
entre paredes, cada movimento  
de pálpebras no escuro.  
O que fazer dessa fragilidade  
desbotada, escasso diagrama  
a caneta contra a névoa  
de estátua e pensamento?  
Lá fora, foge a paisagem,  
e o som do sopro  
das colunas passa rente à janela,  
e nos faz crer que nada  
permanece, e nós, ilhas,  
do sono arcaico de todas as coisas  
descendemos. A estrada  
árida se projeta em linhas  
e pedras, qual conjunção  
oculta de uma ordem manifesta  
mas ainda não de todo  
apreendida.  
Sabe o que persiste na natureza?  
O que enforma os minerais sob  
os pés, e chama para o nada  
a mente? Arranjo cifrado  
das estrelas no pano  
negro dessa imensa caverna?

Passamos; e adiante,  
sombra atrelada ao ritmo lento  
de todos os deuses,  
quem nos assegura a permanência?  
A mentira parece integrar  
a própria vida e seus organismos;  
os sentidos dizem: *sê eterno*  
*momento fugidio que se esvai*  
*por um espelho*, enquanto  
o corpo é triste, fraco,  
e arfa, tímido crepúsculo no topo  
de uma montanha. O tempo  
absorve a causa natural  
de todos os seres;  
mostra-lhes a revelação  
mas lhes omite o sentido,  
retorno líquido de  
sangue e água  
às vaus e veias  
de um arquipélago. Nada nos prova,  
nada nos dá, e põe-nos  
na esteira de vento do universo  
rodopiante, bruxo só de experiência  
feito. Quem terá forjado esse engenho  
bruto, síntese maligna de quanto  
em seu íntimo destila?  
Não; a triste história  
– a nossa – não aguarda ou em si  
mesma gera um fim. Daqui,  
do topo o horizonte todo risca um arco,  
ritmo e compasso oscilando no interior

da matéria muda. Medito,  
tudo se esvai, e o calcário  
rígido emerge de uma duna.

## II

Desse ponto posso  
envolver com a vista o que ela alcança,  
como único obstáculo o limite  
dos sentidos.  
O pulso indica o ritmo  
regular, regresso imaginário  
ao útero, virgem entre cristais e cálcio.  
Sento; ser consumado,  
após a morte ver-se parte  
ínfima e restrita de outras partes,  
botão fechado em si  
sobre a pele da correnteza,  
o corpo a evaporar, transformar,  
dissipar, dispersa em  
átomos arrefece a língua  
ante o arroio e o assobio da árvore  
na nuvem. Massa amorfa,  
trama de fragmentos  
numa luta química:  
nisto só consiste o espírito:  
lei telúrica onde o corpo  
em outros corpos se transmuta,  
e nova forma novo espírito inquire.  
E o cortejo fúnebre passa,  
da luz do sol mesma ignorado,  
com suas almas todas resumidas

no pigmento de uma folha  
(esquecida pelos dias brancos  
da história), suas almas  
todas reunidas no cânhamo  
e na fruta fendida  
a faca, à larga dos olhos  
escapando rumo ao quarto  
espaço.

### III

Criaturas de papel que partilham  
o mundo com uma régua, e olhos estrábicos  
sustenidos na linha cor de gelo  
das fronteiras. Eu os invoco.  
Espíritos sublimes que a primeira  
imolação da tempestade,  
ou brisa leve leva  
ao berço de madeira.  
(Quem é por nós,  
quando jogamos fora roupa e consciência,  
o corpo lançado à deriva do sono  
perempto?). Certamente esses deuses  
não olham por nós.. São deuses  
que operam contra a natureza,  
e guardam a chama mordaz de alguns  
quilates no vão do casaco  
alinhavado.  
– Simulacros de Prometeu.  
(Uma vez quis gritar por Deus.  
E um gemido qual estalo de galhos  
na seca saiu de minha boca esférica



e humana. E perdeu-se no silêncio  
espesso da noite de São João  
e seus fogos artificiais.).  
Sim, os reis são risíveis. Fantoches  
animando a oca carcaça  
de vento, e os criminosos tinham  
razão. Que amantes confundem o sexo,  
um contra o outro, na fria penumbra  
entre arbustos? Quem elegerá o próximo  
ventríloquo? A quais deuses se fará  
novo culto, ornado de balbucios  
azuis? Quem, por fim, descera as escadas  
e apagará por último a luz do quarto  
enfermo? A mão desenha a argila,  
espelho místico de sua hipotética  
simetria. Por trás da cortina  
alguém nos observa. Veste a máscara,  
e vai ter com um palhaço.

#### IV

Deixarei de ser  
por alguns instantes.  
Quem sabe um lapso qualquer de tempo e espaço  
elidido, suprimido, reinventado, adequado  
a outra geografia que não essa  
que ora dá de comer  
a pássaros sob o relógio natural  
que se infiltra gota a gota pelas paredes  
do quarto. Inexistir,  
extinguir-se, sombra móvel  
ornar a noite indelével da cidade

e seu sono pétreo. Acabar,  
tão absoluta e completamente  
se imiscuir em formas vagas e dissolutas,  
morrer sem dar notícia ou margem  
ao equívoco, riscar com traço cirúrgico  
a compleição frágil desse corpo pelos milênios  
arquitetado, e interrogar calado  
se o trabalho dos milênios quis  
exatamente *isso*.

Apagar, dissipar, transmutar-se em pó,  
e menos que pó em ar: diáfanas  
colunas giratórias e seu movimento  
inapreensível. Estar entre nada, feito  
de enxofre, nuvem, pensamento sem  
lastro ou efigie. Ser a parte não predicável,  
o ato, a inépcia da memória à qual os seres  
escapam, sobre a calçada, entre  
pedestres desaparecer até que não  
reste sequer o cheiro, o vulto, a cor, o tom,  
música de acompanhamento  
ou uma roupa vazia.

## HISTÓRIA NATURAL

A planta que cresce  
sem nos darmos conta,  
mar que arrefece,  
praia que se apaga,  
movimento de asas  
da borboleta,  
ruína ancestral,  
cauda de cometa,  
poeira sideral,  
brasa original,  
forma incandescente,  
letra nunca lida,  
onda contra  
onda,  
sangue que briga  
no interior  
do corpo,  
alma, sopro,  
sombra.

Camadas de cristal  
desprovidas de tempo,  
palavra que aprisiono  
no último momento,  
cobra que descama  
as pétalas do ser,  
vida que em outra  
vida encontra  
sua paga,  
vaga sem desenho,

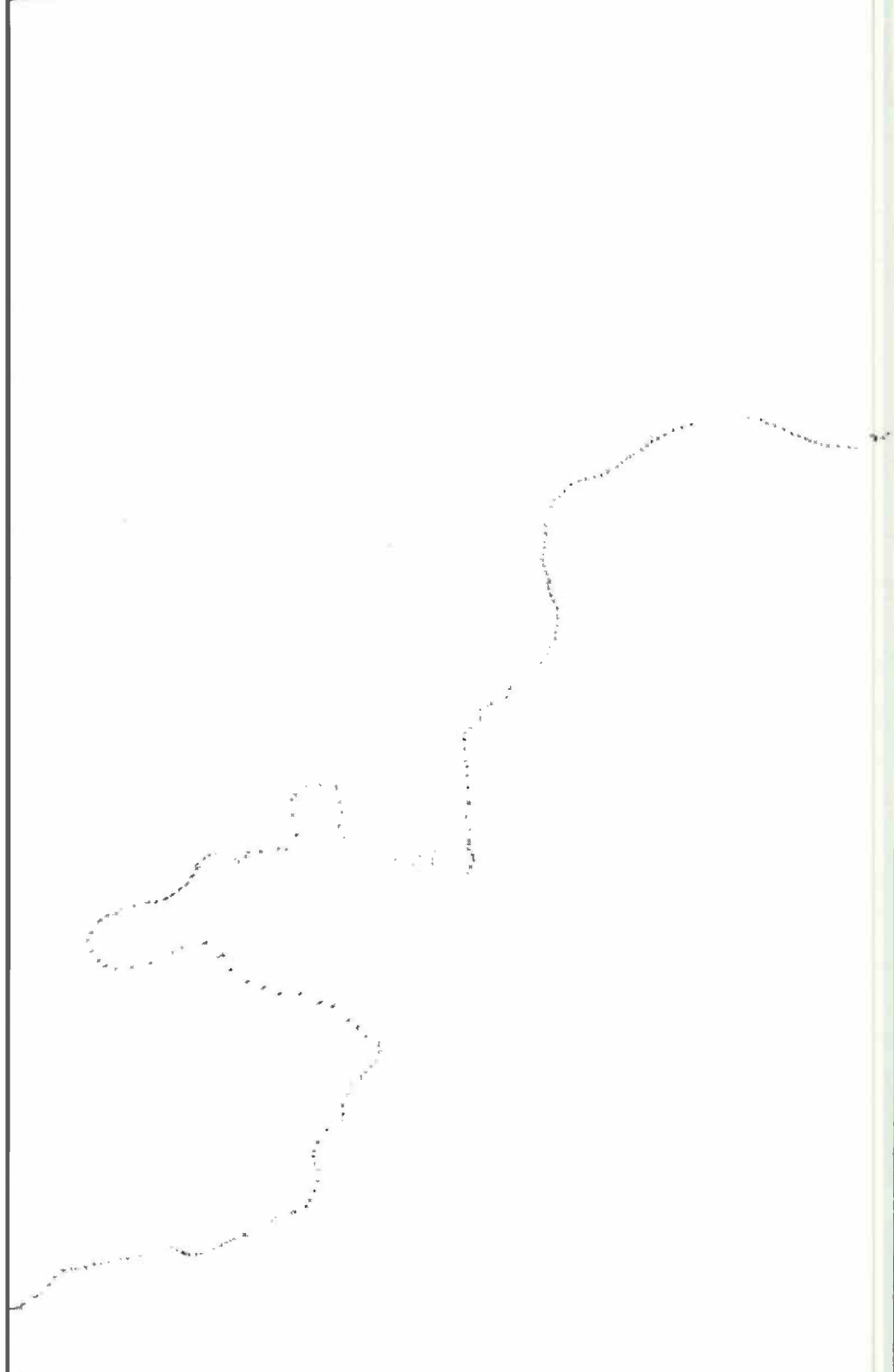
traço sem marca,  
estátuas minerais  
vestindo algas,  
rabisco de vento  
num topo de escarpa,  
objeto estreito,  
dejeto, fragmento,  
tudo o que nos foge  
ao entendimento,  
que de nós se esquiva,  
matéria viva sempre  
em gestação,  
através dos séculos  
mantida pela  
Razão que ordena  
a vida que, num  
gesto suicida,  
escapa aos  
conceitos,  
e pula pra fora  
da capa dos  
jornais.

## PRIMA DONNA

Leve no recorte dos  
braços que se esgarçam,  
ave branca  
qual límpido flamingo  
ou garça deslizante,  
submerge na massa  
humana de um domingo,  
sacode as ancas,  
manca de uma perna,  
entre vitrines de bricabraque  
passa. Suspenso no anelar,  
um diamante aos pobres  
transeuntes dá o ar da graça.  
Mil correntes lhe caem  
do pescoço; outras mil  
pulseiras lhe tocam  
o cotovelo. O céu ao fundo  
se confunde e aspira  
ao roxo da cor de seus cabelos.  
Obra divina, diadema  
singular que no topo  
da cabeça traça um arco  
minguante! Canelas nuas,  
osso a osso, compasso feito  
de gravetos que o espaço doma  
e com o olhar abarco!  
– perfil saído de um papiro.  
Rabo que ao levantar acena  
o desejo elementar do pavão.

Domina a cena, por imposição.  
Pita um cigarro, com piteira  
(é claro), e o *basset* caga  
no chão, como de direito.  
Sem dom pra cozinheira, come  
no quilo. Pensa – naquilo.  
A vaidade toca o pó das estrelas.  
A roupa de Connemara,  
comprada por musselina.  
Ave rara (fala) – de rapina.  
Magra, voa com a brisa.  
Os amigos, terceiriza.  
Na cintura, vocês sabem  
o que: fortuna, a prestação.  
Alma pura, pura – de lixeira.  
Alegrias? Há que tê-las.  
Mágoas – enfileira.  
É uma dama na flor  
da idade – da pedra.  
Poeta, deixa uma ode.  
Medra na *high society*,  
arruma o decote, cruza  
a pista, sorri, uma princesa.  
Mística – de *boutique*.  
Artista – risca o que pode.  
Mas quando se enfeza,  
hum... como cheira.  
Ai, dia de deleite e surpresa!  
Imagem que o coração hospeda!  
Minha musa, minha deusa  
que ajeita a aba  
da blusa acima de qualquer

suspeita, embora não  
se lembre com quem  
deita. Quem vê nela  
defeito, que diga  
ou cale-se, e para sempre.





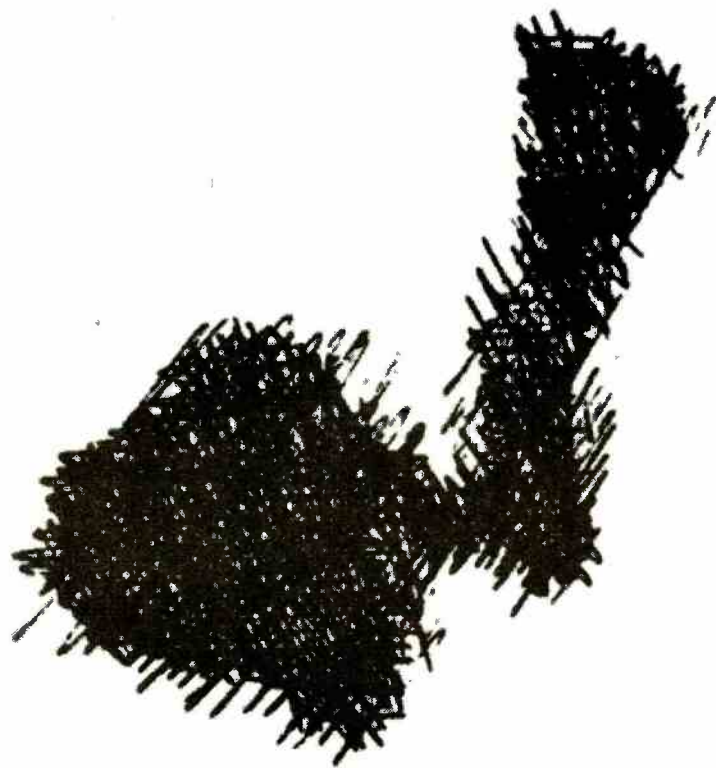
**POST SCRIPTUM**

**uma noite  
que traz um sol  
em seu centro**

**dia escuro  
com muitos outros  
dias dentro**

**uma lua  
extraviada para fora  
do tempo**

**dois corpos  
à margem da vida  
em movimento**



## FLOR

A flor

não é mais o centro de muitos matizes  
onde deito a escrita cansada de tanta dúvida.

A flor não é símbolo casual,  
não vai em forma de carta pelo ar esperando resposta.

A flor não imita alquimicamente a pulsação do quasar.

A flor não aquece, entretém ou revigora a lógica dos pulmões.

A flor não é a Flora de Arcimboldo que explode em botões  
nos versos de Comanini,

não é a rosa de Blake ou de Donne,

não é a ode de Camões,

não é o sexo usual e sua carne vermelha e viva.

Porque

a flor não é metáfora,

a flor não é natural,

a flor não é natureza.

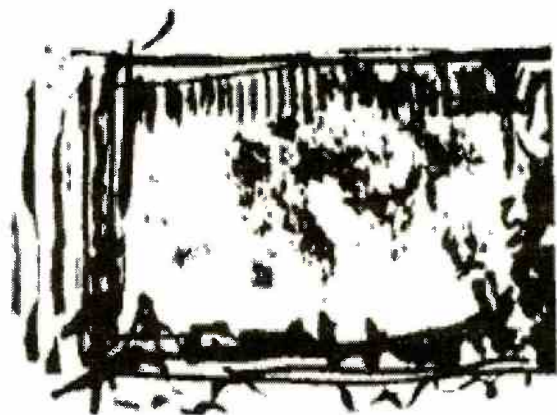
A flor não é essa coisa sem nome

ou data que vai e vem

pelas ruas e vias sem ser encontrada.

A flor é inviável.

Não pode ser reinventada.



## HOMENAGEM A KALIDASA

### I

Corpos quebram espelhos d'água,  
e cada caco ganha o seu sol particular.  
O Verão, estação primeira e esperada.  
O seio em riste  
é a oferta da amada.

### II

Os elefantes pisoteiam o lago,  
agora mais real com suas pegadas.  
Raízes aéreas sob nuvens de pó,  
braços que crescem para todo lado.

Assim os deuses no promontório  
revelam nosso amor  
pelo Incorpóreo.

### III

As gazelas cortam o ar de pluma,  
se afundam em água diurna.  
O pavão expele o sabre do sol com a polidez.  
A tarde de açafrão declina  
mais uma vez.

## IV

A lua

se põe a pino entre as ramagens da tarde.  
Lianas emaranhadas fogem em coro,  
como numa miragem.

A amada pende a mão direita sobre mim,  
e suspende o decoro.

## V

Calor e nus numa disputa assídua,  
linhas de fogo sobre o hemisfério  
resumidas:  
o homem Desperto  
à entrada do templo,  
ensaia uma despedida.

## VI

Ouro nos turbantes em meio a negra procela.  
Será que é ela quem vem adiante  
ajeitando a cintura conforme o quadrante  
solar?  
Será ela que endireita  
a estreita geografia do Ganges?

A lua é para a pequena tarde  
um enfeite precioso.

## VII

A mente se faz apaixonada  
pelo som das contas que, no tornozelo,  
pingam de nota em nota,  
erram de sombra em sombra.

A paixão é aquilo que o Espírito  
não sonda.

## VIII

As ancas de potranca,  
o seio, breve ninho.  
O raio de luz dança  
sobre a roupa em desalinho.

O sangue estanca na veia,  
se contrai e emudece  
como as letras no pergaminho.

## IX

Aromas inusitados,  
música frágil no solar,  
cabeleira indecifrável,

Sirius rema em direção  
ao mar.

## X

A serpente sedenta  
de outras águas e óleos.  
O sândalo excele no odor  
entre os melhores unguentos.  
O prazer se nota nos olhos  
como indício do que se traz  
por dentro.

## XI

O pântano, qual papiro ressecado  
e anônimo,  
convida a se tomar  
a vida por sonho.  
  
Javalis penetram a terra nodosa.  
Colares e guirlandas envolvem-lhe o pescoço.

## XII

A noite quente  
cai sobre a melodia modular  
das vozes.  
  
Çakuntala mal cabe no olhar.

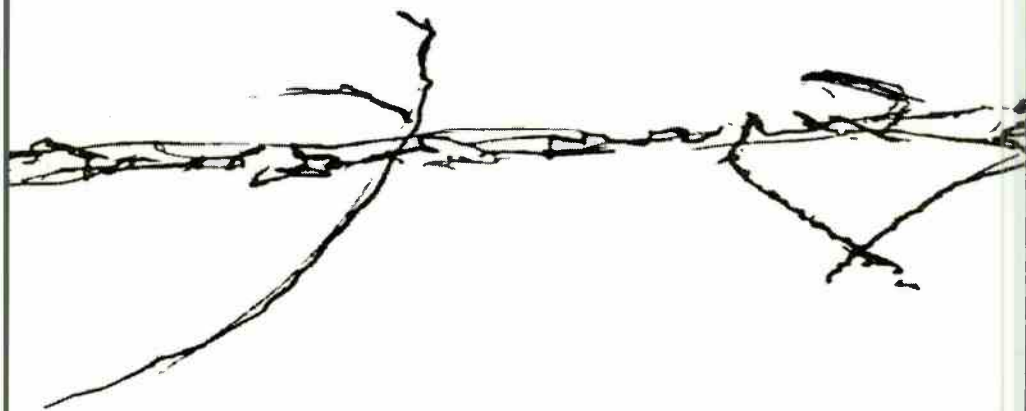


**XIII**

**Sobre o terraço do palácio  
búfalos vão num sopro.**

**A música delicada,  
pétalas de luz exata  
servem-lhe de adorno.**

**Pende sobre mim a amada.  
E a alma se faz corpo.**



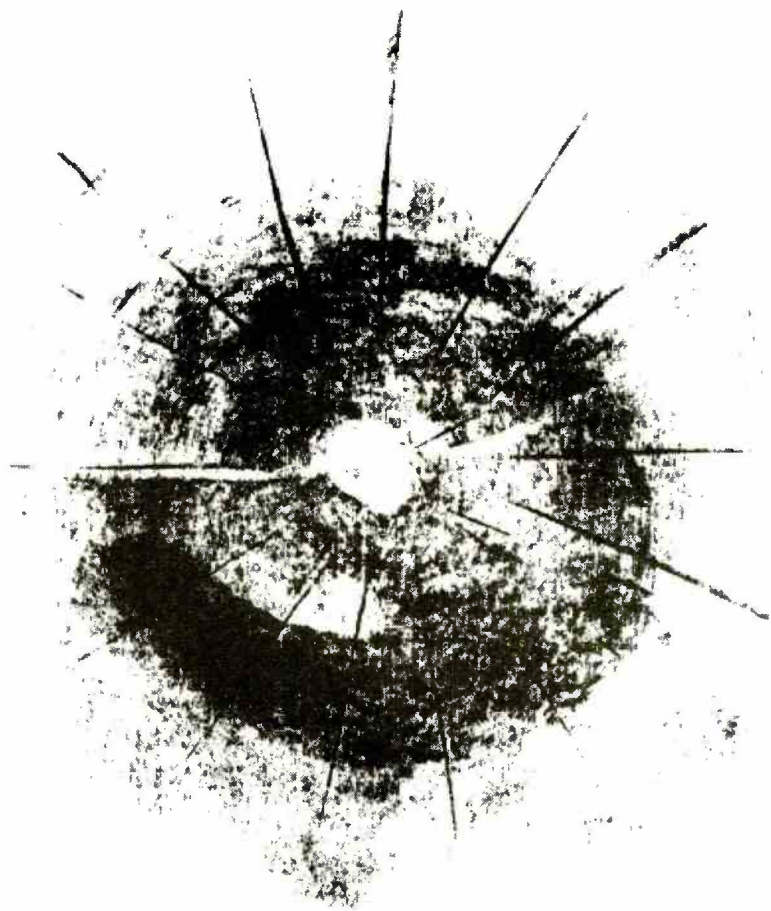
## CANTIGA DE AMOR

Na química  
dos corpos  
(orifícios, poros,  
occos,  
clavículas),  
o amor  
não conta:  
acrílico  
pretextado  
a soma  
de espírito  
e vírgulas.

O amor.  
O amor de hoje.  
O amor de sempre.  
O amor de vez  
em quando feito  
às pressas o amor  
te cerca:  
interrompe-te  
no banho  
entre palmeiras  
buzinas  
entre treze paredes  
istmo  
te ilha:  
vazia.  
Sem alternativa,  
sem o poder sobre

a dicção dos membros  
– a lição das coisas  
nos mostra  
o avesso da veia,  
pluma e pus,  
iniludíveis –  
erramos  
rua adentro  
dorso nu  
sem unguentos  
pernas frouxas  
cais  
sirene  
papoulas  
nos envolvendo  
casca  
e roupa:  
o amor nos  
rouba  
o tempo presente  
sempre outro  
o mundo presente  
entre muitos  
outros rentes.  
Tento  
apreender-te,  
seio a lápis  
sobre a folha,  
mas evaporas  
da moldura  
dos dias  
das horas,

**retornas  
toda  
ao estado  
de futura.**



**PÁSSAROS**

passos  
passam  
seguidamente

um terço  
um traço  
resto  
de espaço  
entre meus  
dentes

um risco  
um rastro  
descontínuo  
descompasso  
presente

passos  
passam  
sem marca  
aéreos

lascas  
de sol  
ar

ossos  
erram

pássaro  
pasmó

**ante o  
mistério**

**passos  
pássaros**

**esperam**

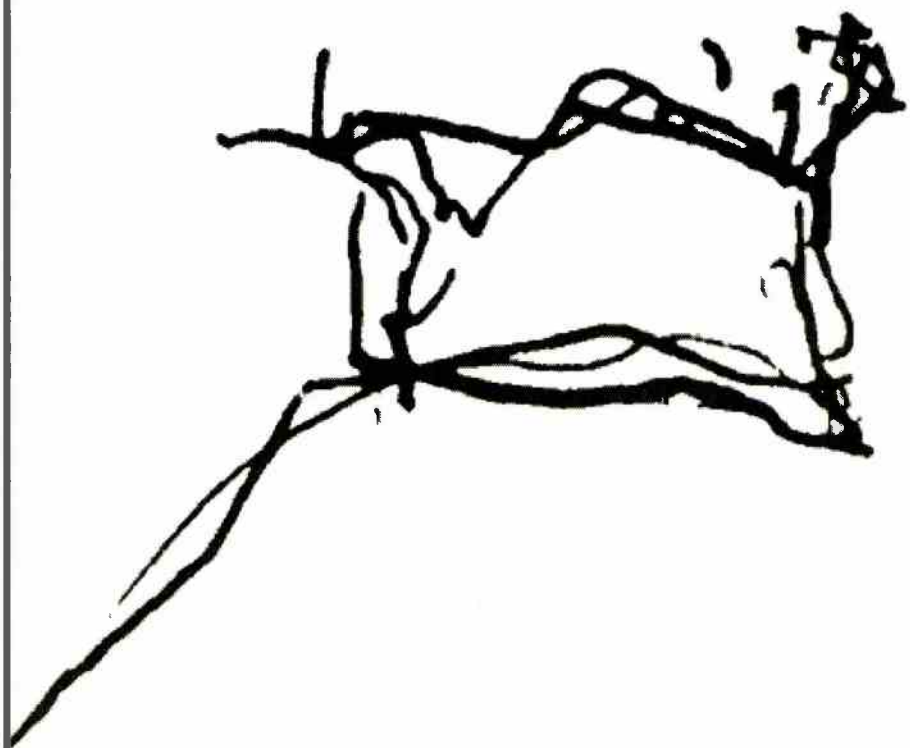


## SOLAR

Tua alma é uma nau de velas  
pandas que entre a multidão  
(brandas estacas) trafega: me  
velas, ou sonho? Andas. Eu, não.

E o límpido roçar do sol  
sobre os arbustos, que a mão  
do tempo (operário) em prol  
de não sei que dura ilusão

poda e cultiva, expele fibra  
doce e metálica – um pavão? –:  
eis que a tua pele vibra,  
e gruda à tela: o filme. A vida? Não.



**PETIT MORT**

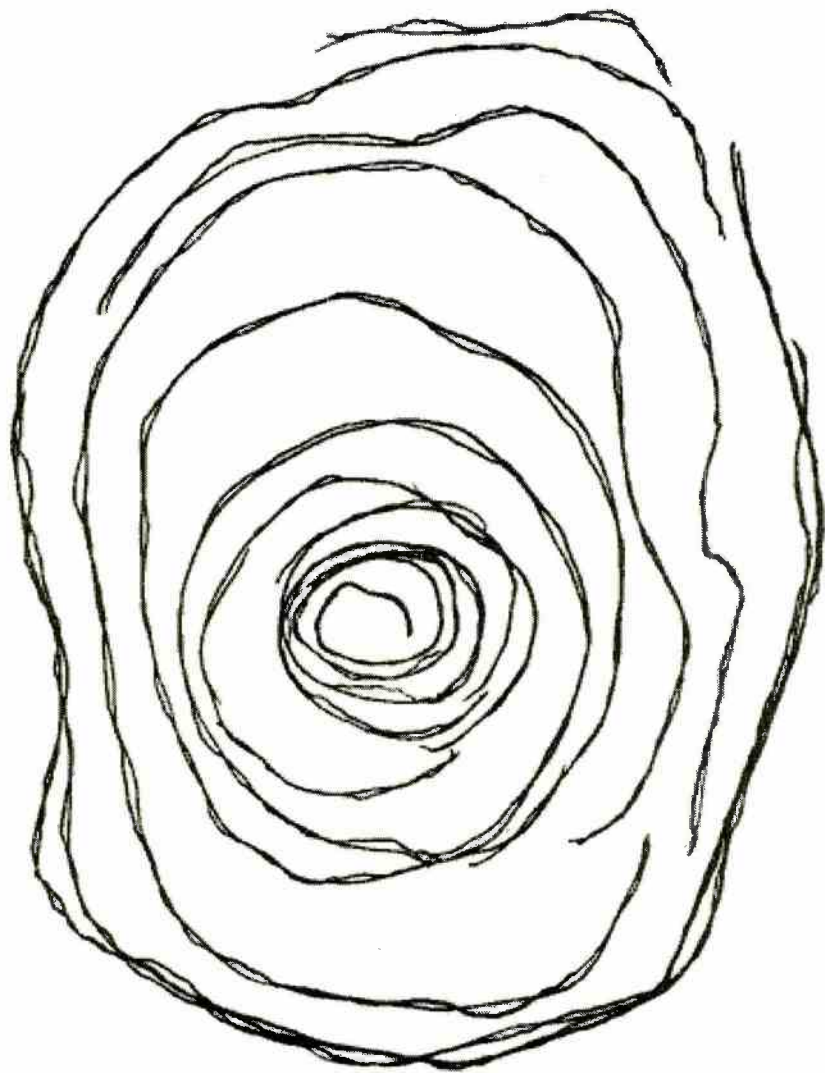
*para Ela*

ela me chamou  
com seus olhos cor de terra

*para baixo  
para baixo*

e eu sabia  
que ela estava  
me chamando

*para baixo*



## APORIA

*variação sobre um tema antigo*

Não sei por que motivo  
anda esse mundo invertido,

por que causa a ampulheta  
dos tempos traz a areia

imóvel dentro do vidro.  
E por mais que tente,

de papelão ou outra greta,  
tecer um castelo precário,

casa só de passagem para  
o juízo que tarda, não sei

por que não consigo, oco  
sob o céu dar à Razão um

abrigo sequer, nadja sobre  
Sidharta. E a inversão é

tamanha que nem na maior  
privação se vê quanto sofre

quem da condição humana  
se dissolve, ou quem de tão

pobre acha-se ungido pela  
própria morte, antes mesmo

de ela se dar. Como se pelas  
ruas se vestisse luto, como

se a morte andasse por tudo,  
fosse algo que se respira junto

com o ar, que entra narina  
a dentro logo ao acordarmos:

a morte, parcela desse mesmo  
vento que tinge de branco

os cabelos. Os bons - vocês  
sabem o ditado - são tantos

quanto os sóis que se inclinam  
no horizonte. Tão poucos,

fracos, cansados e tímidos,  
é preciso muito mais para

dar siso a essa desrazão mofina,  
prumo aos antros do mundo

que, desconcertado, afina.

**VERMEER**

A mulher vestida de céu  
lê os verbos encomendados  
ao filho  
– sólido prestes a  
flutuar.

(O pintor pinta os céus  
em forma de cubo  
que cobrem a mulher,  
nuvem e com livro).

Como na tapeçaria amarelo-ocre  
uma lasca de céu se em-si  
mesma:  
nua.

O pintor demonstra,  
traz aos olhos  
o sol por debaixo  
da pele  
das coisas.

O pintor se mostra.

A tela, película de sol,  
espia, cria-se no em volta  
– brilho.

O cílio.

O cilindro de leite.  
A moça de gesso ensaia  
seu eterno recomeço.

Amanhecer amarelo.  
– A vida? No prelo.

O pintor desentranha  
os sóis por debaixo  
da pele das coisas.

(O próximo nos estranha).

A mulher vertida do céu.  
Delft! pobre arquitetura  
entre azuis.

Luz.

A tela que adere à pele  
quotidiana e inflama  
sua membrana  
como uma vela o vento inflama  
– como uma lâmina de cristal  
(uma janela)  
guarda um sol  
afora a chama  
que mal se sente

como uma lâmina de cristal  
existindo desde sempre



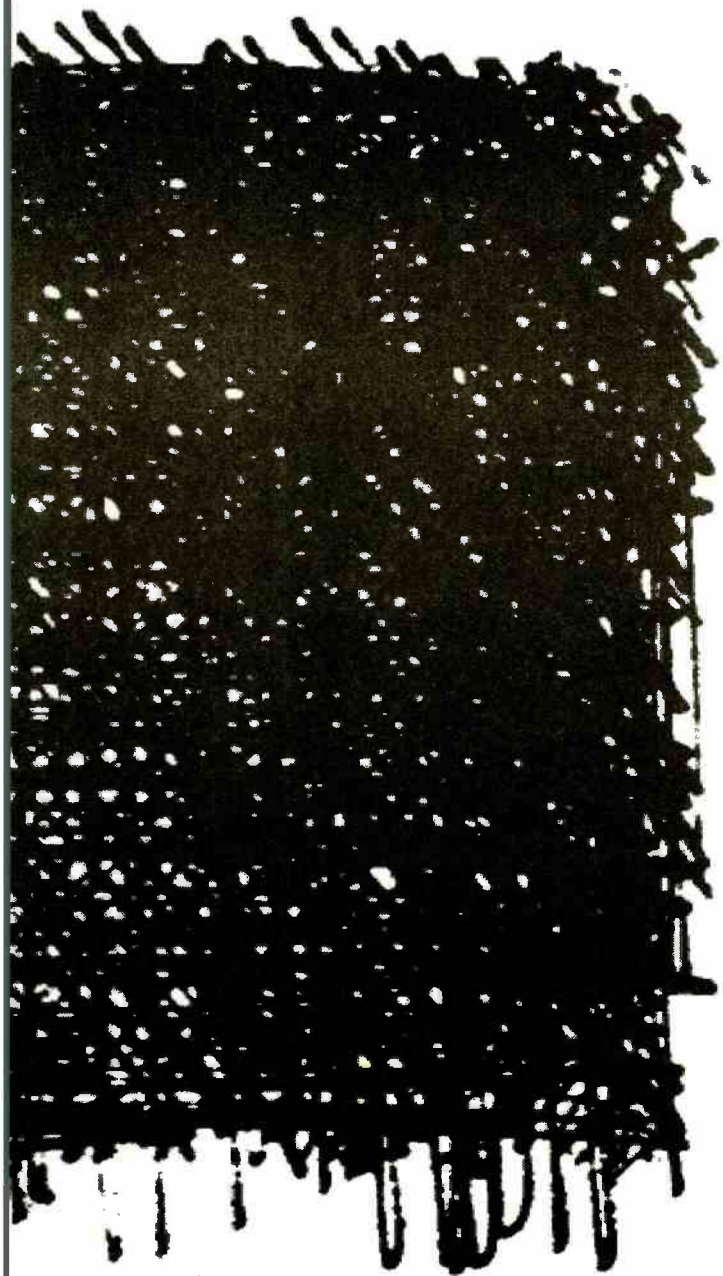
fora do tempo  
embala o sol  
(como uma jaula),  
embrulha-o.

O pintor se esconde.

Espaço e movimento  
suspensos: sobre o tempo? onde?

Na Holanda  
a vida não passa  
a vida não anda  
a vida

na Holanda  
a vida envidra-se:  
lâmpada.



## **ORAÇÃO**

*para Cídio Martins*

e hoje  
pesando o revés de tudo  
olho cravado feito adaga  
sob a testa  
vejo o retrocesso  
velado calado  
vejo o recomeço  
silenciado cântaro  
quadrado tange o círculo  
fechado do retorno  
do progresso  
do advento  
do adverso  
reverso  
verso livre  
de tudo de todos  
mãos feridas  
nos jardins de Josafat.

Amanhecido  
sol sibilino cava  
seu percurso antigo  
desconhecido.

Não mais covas  
no deserto onde enterrar  
a cabeça nem fúrias  
de leões famintos  
rugindo nas entrelinhas

contidas gravadas  
cravadas  
eternidade  
eternidade  
eternidade.

O espírito quer eternidade.

A alma clara,  
a voz clara,  
clara a água  
do copo de água.

Mas o corpo cala,  
e não consente.  
Ranger de dentes  
boca de escorbuto  
marinheiros de primeira  
viagem sobrevividos  
ao naufrágio  
do tempo rei  
das coisas  
dos seres.

*Quid hic agis,  
Elia?*

No deserto ó Pai  
semeando discórdias  
e palavras soltas  
em folhas de papel  
e areia

adorando a Ti  
e a Ti apenas.

Ruas  
de cinza baixios  
correm sob  
ondas rios de lava  
navegar é preciso  
alma!

Sossega alma.

O tempo traz  
a experiência,  
a experiência  
o conhecimento,  
o conhecimento  
domina  
o acaso,  
a dúvida

onde estás, dúvida?  
por que *então* nos abandonaste?

A água suja,  
as mãos sujas,  
a sujeira.  
Uma mãe doente  
cinco pílulas de alho sobre  
a mesa  
seguindo os passos  
do desbravador:

adiante!  
reza a vontade  
mas já o mesmo não reza  
a prudência.  
Fala a necessidade  
(adiante)  
onde já não fala mais  
o arbítrio.

Cinza sobre pó,  
uma aquarela bicolor.

No trono  
marchetado de  
pétalas cromo paira  
nos campos  
campanários  
no vale onde todos  
cabem onde tudo  
cabe a que tudo  
cabe  
ergue-se  
o hermes  
bifronte:

*Discedite a me,  
maledicti,  
in ignem aeternum.  
Et separabunt  
malos  
de medio  
justorum.*

om  
tudo é  
tudo perece  
papel-moeda  
hóstia  
prece.

Caliban  
bane Ariel.  
Anfion faz  
uma flauta  
ruda  
da costela;  
tira ouro  
do nariz  
e diz:  
*tua ruína  
será o meu  
castela*

O mesmo  
caminho que sobe  
é o que desce,  
dizia o ínclito  
Herakleitos de Êfesos  
à porta da Terra Estéril.

Bem-aventurado o que desce  
pois dele será o reino dos céus.  
Bem-aventurado o que sobe

pois dele será o reino dos céus.  
Bem-aventurado o que semeia  
pois dele será o reino dos céus.  
Bem-aventurado o que julga  
pois dele será o reino dos céus.  
Bem-aventurados todos vós  
que buscais na ovelha  
e não no novelo ou no fio  
a razão da lã.

Bem-aventurado o que diz  
ao vento palavra branda,  
à terra palavra agreste,  
à água palavra melíflua,  
ao céu palavra precisa,  
pois o vento exige brandura  
para melhor soprar,  
a terra exige aridez  
para melhor marcar,  
a água exige fluidez  
para melhor correr,  
o céu exige precisão  
para melhor iluminar.

Bem-aventurados os de palavra  
branda, marcante, corrente, luminosa.  
Falam sobre o tempo  
que passa à mercê  
passa ao cabo de tudo  
passa como eu  
passo tu  
passas passamos.



Mas deixamos rastros.

Resto de unha  
inscrição de caneta  
rabisco lembrança  
de neve entre roupas  
fotografia detalhe  
decote colher preferida  
gesto repetido  
sobre os sapatos  
marca de calos.

Tudo retorna,  
tudo começa,  
tudo recomeça.  
Para o encanto  
para o desencanto  
o espírito não quer eternidade  
eternidade  
eternidade  
eternidade  
o espírito não quer nada  
eternidade  
o espírito quer descansar  
eternidade  
em paz  
o espírito não quer  
eternidade  
mãos sujas  
água suja  
leão faminto

no deserto  
recomeço  
descomeço  
eternidade  
o espírito não quer  
eternamente

amém

**DEDALUS**

O universo  
não é uma casa.

O mundo  
não é uma casa.

Esse país  
não é uma casa  
essa cidade  
esse bairro  
esse vilarejo  
a se enredar  
pela quinta  
não é uma casa  
esse prédio  
esse quarto  
esse corpo

apartado  
esse terço  
essa cruz fixa  
rabisco  
não é uma casa  
essa casa  
esse verso  
(leitor: não)  
uma casa não é  
uma casa.

Casulo.

Projeto.

**Invento.  
Gerar  
diariamente  
uma  
arquitetura  
de ar.**

**O giro do globo  
convexo  
não é terrestre.**

## **CORPO**

**Uma casa  
quando em construção  
com suas ventanas  
pra ventilação**

**se parece  
ora com os poros  
de um corpo  
em putrefação**

**ora com o sangue  
que o irriga,  
dos capilares da cabeça  
às vigas de osso  
das pernas,  
ao sexo, à mão:  
escada circular  
que liga  
o sótão  
ao porão.**

**(Sangue  
devemos chamar  
o coração.  
Não a película,  
estufa de vidro,  
que palpita  
palpitação.)**

Porque uma casa  
quando em andamento  
pode-se dizer  
que é feita  
do próprio vento:  
sua substância,  
seus intestinos.  
Não às colunas  
ou ao cimento,  
mas ao próprio  
ar deve-se  
o epíteto  
de lar.

## CÍRCULO DE GIZ

Sobre o trilho o céu se fecha  
como uma nuvem que descendo  
toque a face de Deus na água  
refletida, ou fúria brutal  
que guardasse a chaves  
indício de mais remoto amor.  
Deita-se a tarde, solícita,  
arco sobre pontes, edifício  
de luz curva e oscilante  
emudece a fala e o canto.  
Nada soou. Nada se fez  
mais duradouro ou necessário  
que esse abrir-se ao vento  
o engano dos sentidos, todos;  
nem mais ilusório que as mãos  
cortando o ar, querendo em si  
guardar o mistério íncito  
das coisas, e em tentando  
dizê-lo, páram. Nada  
que não fosse o rubro “não”  
o universo pronunciava, nada.  
Quieto, silente, o segredo aos  
poucos se erguia no ar de chumbo;  
aos poucos sussurrava  
ao ouvido, deus ou demônio  
ou espírito risonho dava a graça,  
meus pés cravados, raízes  
encimadas pelo botão frouxo  
da face. Nada aconteceu, à luz  
escassa. O giro convulsivo

da locomotiva, moedas, galhos  
feito braços se arvoravam  
na tentativa de alcançá-la. O sol  
metálico se pôs sob os fios,  
elétricos sinais do seu ser futuro.  
E a lenta revelação do entre  
mundos se ofereceu às palmas  
cansadas das mãos em desatino,  
e um longo carro de vozes  
desfilou pela retina da mente,  
onde um coro ao poroso  
silêncio do instante dava  
o passo, e à quarta dimensão  
do que via dava abrigo.  
Cada pessoa, cada detalhe  
de resfolegada paisagem então  
tomou mais intensa definição  
e sentido. Cada um dos que ali,  
à margem das vigas se escorava  
e o fumo do cigarro retorcia no ar  
opresso, ao pleno mistério  
dava espinha, e ao brusco  
lampejo das faíscas se agregava.  
Vi que o orbe e a celeste  
cúpula e a mais estranha  
e vil criatura se tocavam,  
e num singelo e convergente  
movimento se convinham.  
O dorso nu e adolescente  
expunha as chagas que da morte  
remota já o cobria, e a grávida



condição da terra inculta  
isenta se fixava numa tímida  
circunferência absolvida  
do pecado, da dúvida e do  
império irrefreável da matéria.  
O mais baixo ao mais alto  
se anelou. O espírito sublime  
expôs-se feito pus ardendo  
no músculo enfermo e fissurado.  
E vi que as coisas não existem  
como de fato as supõe a insana  
vista, nem que os fatos são  
como os fez a empresa humana,  
ou a quimera da imaginação.  
Que o mundo, como uma caixa  
duplicada em si mesma, contém  
outros possíveis, tangendo  
a dissonante lira dos tempos  
sobrepostos; que o mundo,  
novelo vivo, desfia-se sobre  
a divina possibilidade  
de outros mundos, e a história  
mente a todos sobre o destino  
real que a nós se dá e mostra,  
e o passado pode em si ter  
outra substância. Que o passado  
ainda não foi de todo descoberto  
e recriado e pertencido, que paira  
sobre nossa rotina acidental  
a infinita realização dos tempos  
liqüefeita, virgem como uma

folha em branco, como uma casa  
em branco a ser composta,  
e acima da linha do hemisfério  
– a razão simples, razão diária  
de cômodo quarto entre paredes –,  
na Idéia perfeita ainda espera  
por se cumprir em extremo estado.  
E a História correu, avessa,  
sob os olhos: nem Moisés  
abriu o Mar Vermelho, nem  
Maomé de joelhos beijou a terra;  
nem Caim matou Abel, ou a João  
Batista se degolou no preito.  
Os hebreus não fugiram ao cativoiro  
nem se selou, por fim, o sétimo  
selo. Porque aberta a porta  
do mistério, pude vê-lo, e ele é  
claro como esta luz que banha  
a folha em branco acesa à tinta.  
É claro como a água à margem  
da represa, e o pensamento que  
perdesse o rumo, a razão, a simples  
fábula dos tempos resolvida entre  
os seus dedos. Clorinda não abdicou  
por Tancredo do seu deus o amor,  
nem Herodes sozinho reinou sobre  
um deserto de sangue e ossos.  
Nem Moisés poupou Isaac,  
nem Jeovah grafou seu nome  
em letras mudas. Num ponto,  
recôndita trilha dos excessos,

dormem todos, ilesos deuses,  
compacta harmonia de divina  
ordem inversa, o mundo, intacto,  
espera as mãos do marionetista.  
Branco manto que se esparze  
sobre o rosto sulcado pelo  
tempo, onde se impregnam  
os desígnios futuros dessas lendas,  
do futuro nasce a ação passada,  
e o porvir, beijo furtivo  
que ao espelho não se realizou,  
tímida e modular alquimia  
dos corpos na noite espessa  
e lícita, projeto que se vai  
com a folha murcha das estações,  
pássaro intuído sob formas  
leves e aéreas, espera o fim  
dos tempos para que haja Tempo.  
Os átomos em concorde passo  
dançam sob o rubi quase azul  
do zinco da estação, inamovível.  
Sozinho, medito sobre a tela  
cristalina do mistério que se tece  
ante meus olhos baços e sem vida:  
oculta ciência do acaso, instante  
exato em que meu passo se cruza  
com o seu passo, em que a flor  
aberta expulsa o grande segredo  
de seu pólen, e os olhos de Deus  
espelham a mais ínfima e terrena  
espécie, no mais mundano vício  
se contrita e por ele mesmo

se revela. O mundo em círculo faz  
girar a rude mecânica dos corpos  
em seu eixo. Nada do que houve  
já tem consistência. O tempo  
traz de volta do futuro a nova  
arena e o novo circo, ambos  
compostos, na miragem ancestral  
espectros previstos e inscritos  
no corpo do Deus bruto e da natureza,  
afirmando-o pelo seu contrário.  
Eu, partindo o ar sobre os velhos  
sapatos, ranger seco no assoalho,  
o vagão vai no mormaço quente  
do hálito metropolitano, perdido  
lume. Palavras correm sobre  
a ponta dos lábios que, sem hesitar,  
se vedam.

## Vôo

De tudo o que vivi nada  
pesa tanto quanto as coisas,  
pedras e navalhas, formas  
singulares que sugerem pássaros  
quando presas suas asas  
nas palavras.



## CESTA

Quando a luz crepuscular  
declina sobre todas as coisas a sua bênção  
de longa data, não é Deus  
que inclina sua face para a nossa  
peroração. Não é o fluxo seminal  
de uma hora gasosa que nos trespassa  
a pele sem ser notada,  
não é a nossa herança vegetal  
e infra-humana que nos prepara uma cilada.

Por séculos o homem  
se prostrou ante a magnitude  
desse Deus que se disfarça  
com as tintas do acaso,  
e nos ilude ao sugerir o eterno  
sob a nossa

carcaça.

Buscando

mal e mal

algo com que preencha  
sua silenciosa moldura.

Algum vestígio de guerra  
sob breves imposturas.

Um colarinho amassado  
em meio à roupa impoluta.

Uma revolução?

Trincheiras no quintal,

quem sabe?

A teus pés,  
um feixe de luz moritura  
se deposita como uma dádiva.  
O instante não perdura,  
não há como fixar no quadro  
a substância mesma do ocaso.  
No entanto,  
    nessa cesta de frutas,  
o sol, eclipsado pelo milagre de todo dia,  
depõe seus escudos de ouro  
como quem distribui rosas.  
E a roda líqüida da vida pára para apreciar  
essa natureza morta.



**QUASIMODO**

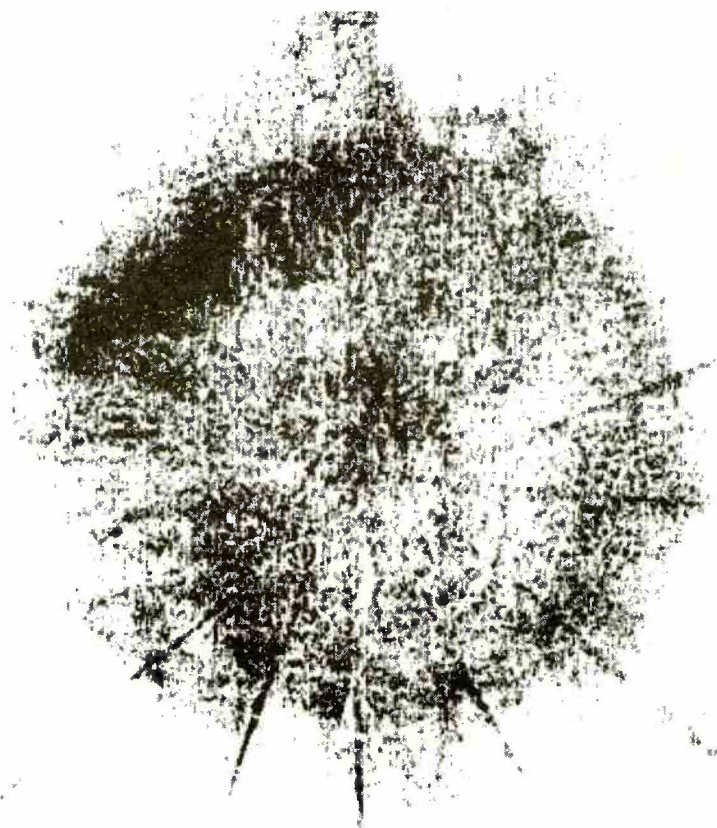
Me fecho  
e retiro  
em meu modo  
ferino  
firo  
fino  
para  
não ser  
ferido.

Escuto.  
Espreito.

Escudo  
é flecha  
certeira  
desferida  
cravada  
no peito.

*Repulsão*  
*de ímã*  
*irmão,*  
*amigo?*  
(atino).

Artimanhas  
de homem  
menino  
– digo.



**ALBA**

**Ela se lava  
à meia-luz  
na aurora**

**demora**



reservada principalmente a jovens  
artistas de trabalho *desconhecido*,  
traduções e ensaios de crítica  
experimental. Esse novo selo vem  
para banir o tédio de uma época e um  
país mastigados pela estupidez, e contra  
a velhice precoce das produções atuais,  
garantidas por um sistema editorial  
e de crítica absolutamente *estragados*  
pelo excesso de teoria.

***Dirceu Villa***



Dirceu Villa



Rodrigo Petronio Ribeiro nasceu em 1975, na cidade de São Paulo. Mora hoje em dia em Santo André. Traz agora à superfície essa **História Natural**, seu primeiro livro, onde tentou flagrar e registrar aqueles aspectos da vida que não encontram olho ou ouvido de gente: coisas que, para a História, não são consideradas **acontecimentos**.